

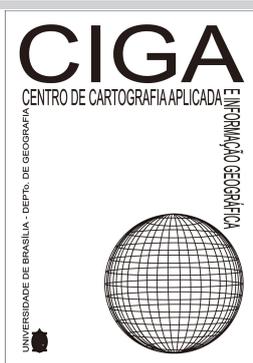
Artigo

DA VITALIDADE À AGONIA: PADECIMENTO DE PRAÇAS PÚBLICAS ANTE O QUADRO URBANO DE FANTASMAGORIAS E MEDOS EM SÃO LUÍS

João Batista Pacheco

p. 96 - 125

Revista



Revista Eletrônica:
Tempo - Técnica - Território,
V.10, N.1 (2019), 96:125
ISSN: 2177-4366

DOI: <https://doi.org/10.26512/ciga.v10i1.23865>

Data de envio:
31/03/2019
Data de aceite:
03/09/2019

Como citar este artigo:

Pacheco, J.B.; DA VITALIDADE À AGONIA: PADECIMENTO DE PRAÇAS PÚBLICAS ANTE O QUADRO URBANO DE FANTASMAGORIAS E MEDOS EM SÃO LUÍS Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território, v.10, n.1 (2019), p. 96:125 ISSN: 2177-4366. DOI: <https://doi.org/10.26512/ciga.v10i1.23865>

Disponível em:

<http://periodicos.unb.br/index.php/ciga/>

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

DA VITALIDADE À AGONIA: PADECIMENTO DE PRAÇAS PÚBLICAS ANTE O QUADRO URBANO DE FANTASMAGORIAS E MEDOS EM SÃO LUÍS

João Batista Pacheco

RESUMO: A falência funcional dos espaços públicos frente aos medos e transtornos impostos pela violência na cidade é tema urbano em relevo. O objetivo deste trabalho é analisar as imbricações da violência, morbidez e segregação urbanas com o definhamento de praças públicas em São Luís, capital do Maranhão. Foi realizado um estudo qualitativo que levou em conta a releitura da produção da cidade, a observação das suas estruturas públicas e a articulação com a distribuição espacial, utilidade, sobrevivência e agonia das praças e estabelecimentos tradicionais de lazer. Os resultados mostram que a violência criminal é capaz de impor-se como divisor socioespacial, potencializar estresse e fobias e arremessar significativa parcela da população à segregação. O medo dos espaços extramuros, aliado ao fascínio oportunizado pelo capital incorporador e recentes cotidianidades, estão associados à falência da praça. Esses atores em articulação provocam uma fuga da vida diária nos espaços abertos para os fechados, especialmente condomínios e *shoppings centers*.

Palavras-chave: Praça Pública. Estresse e fobias. Segregação. Shopping Center

ABSTRACT: The functional bankruptcy of public spaces in the face of the fears and disorders imposed by violence in the city is an urban theme in relief. The objective of this study is to analyze the imbrications of urban violence, morbidity and segregation with the squandering of public squares in São Luís, capital of Maranhão. A qualitative study was carried out that took into account the re-reading of the production of the city, the observation of its public structures and the articulation with the spatial distribution, utility, survival and agony of the squares and traditional establishments of leisure. The results show that criminal violence is capable of imposing itself as a socio-spatial divisor, potentializing stress and phobias and throwing a significant portion of the population into segregation. The fear of extramural spaces, coupled with the fascination offered by incorporating capital and recent daily life, are associated with the bankruptcy of the square. These articulated actors provoke an escape from daily life in the open spaces for the closed, especially condominiums and shopping centers.

Keywords: Public Square. Stress and phobias. Segregation. Shopping center

INTRODUÇÃO

A praça pública, espaço histórico de sociabilidade e referência espacial urbana, está em risco de desaparecimento, uma vez que a percepção de uso da praça pública mudou velozmente em conformidade com o crescimento da incivilidade, o urbanismo, as relações e configurações intraespaciais. Em São Luís, assim como em muitas outras cidades, a crescente violência urbana, os medos e as inquietações têm forte efeito de rechaço e segregação residencial do cidadão, impondo

novas cotidianidades, sendo evidentes as modificações quanto à utilidade dos espaços abertos – notadamente as praças – e os fechados. As pessoas estão apressadas, desconfiam, se expõem e debilitam-se, recolhem-se em seus claustros e mudam de endereço com mais frequência que no passado. A dinâmica intraurbana caótica impõe uma sobrecarga de geostressores, incitando desconfianças e instabilidades na saúde. Sob o quase desusado pretexto de comprar, o sincrônico poder de fascínio e de polarização geoeconômica do *shopping center* estrangula a mobilidade urbana e a cultura do entretenimento, redirecionando multidões para os seus modernos e protegidos espaços de lazer e produtos alternativos. Tudo isso acontece em detrimento dos tradicionais espaços abertos de São Luís, como ruas, praças e largos, outrora sossegados.

1.MÉTODO

Buscando-se um ecletismo através de uma conciliação de posturas metodológicas, este trabalho não prescindiu de uma investigação de amparo emancipatório. Sabe-se que estudos exageradamente repisados – mesmo que em algumas ocasiões, respeitáveis – podem sutilmente ou inadvertidamente trazer monotonias, trivialidades e paramnésias excessivas no “[pensar geograficamente a cidade]”. Porém, no desvelar das histórias ocultas sobre a forma e essência no universo da geografia urbana, além do aprimoramento de habilidades criativas, da pesquisa minuciosa de informações originais, de novos conceitos e representações, enveredou-se num processo de valorização de estudos divulgados, mas também de desconfiança, reavaliação e extração do suprassumo até dos vícios e prováveis vieses da trajetória de redescoberta, como os “*déjà-vu*”, “*déjà entendu*” e “*lugar-comum*”. Esses domínios frequentes, apesar de bastante presentes em cálculos metodológicos redundantes, puderam mostrar-se importantes nas necessárias e insistentes perquirições. É uma demonstração de que a quintessência das trivialidades urbanas também ajuda trabalhos como este a se esquivarem das não pouco habituais armadilhas tautológicas. Tal esforço pela autenticidade dos fatos socioespaciais, imbricados à redescoberta da dinâmica cidadina na praça pública, primou pela interconexão entre proposições metodológicas já validadas no tempo e no espaço. Destarte, o delineamento teve como matriz as dimensões do processo de pesquisa qualitativa propostas por Bauer; Gaskell (2002). A opção foi reforçada conforme Santo (1992) que vê na pesquisa social qualitativa o envolvimento da observação direta de fenômenos sociais em seus próprios ambientes. Isso é corroborado em Minayo (2000) que defende estudo qualitativo de epidemiologia social em recortes espaciais que abrangem realidades empíricas, com pessoas vivendo em interação social, representando um palco de manifestações de intersubjetividades e interações entre pesquisador e grupos estudados. Acrescentando-se orientações propostas em Geertz (2008), Triviños (1992) e Peirce (1995), uma ênfase foi dada à amálgama de mensagens e representações socioespaciais, selecionadas e analisadas no universo fenomenológico e semiótico. Seguiu-se um

roteiro de tarefas: planejamento e organização de materiais; revisão bibliográfica e coleta de atualização; definição do recorte histórico espacial; recorte social/cultural; decisões acerca de possíveis ruídos; esquematização/construção/organização de resultados (empíricos; representação, iconografia, tabular; cartografia); desconstrução de vícios e sistematização de informações. Os instrumentos incluíram câmera vídeo-fotográfica NIKON digital D3300, lentes NIKKOR VR AF-P 18-55 mm e AF-5 18-300 mm DX/ VR, para detalhamento de vida urbana; gravador de voz profissional SONY PX470, entrevistas semiabertas e abertas; documentos e textos. A consulta, a produção e a interpretação de documentos geoiconográficos (vídeos, desenhos e fotografias acerca da dinâmica do espaço), da conversação e fala (entrevistas em áudios, vídeos, transcrições e anotações repentinas) e subsequentes interpretações foram estratégias pilares colocadas à disposição deste trabalho. Na interpretação, os sentidos e os *insights* foram cruciais para o estabelecimento do contato intuitivo com as imagens originais e de arquivo (PACHECO, 2018), assim como da percepção do cotidiano da cidade, especificamente das praças, criando-se e recriando-se, investigando-se e possibilitando-se argumentos sólidos e explicativos por invocarem olhares plurais, contextualizados sobre experiências e papéis do cidadão nos espaços livres.

2.O LUGAR DA PRAÇA NA ESTRUTURAÇÃO URBANA DE SÃO LUÍS

Fragmentada em diversificados *topostatus*¹, a cidade é uma resposta aos modos e processos de produção, sociabilidades e relações de poder com outras urbes e com o espaço agrário tradicional que tem sido tomado pelo agrícola², afirmando-se um progressivo rompimento de segmentos sociais com a vida bucólica. Velozmente a cidade mudou; em articulação, as pessoas mudaram e seguiu-se uma reciprocidade não necessariamente harmônica.

¹ *Topostatus* é uma tentativa de neologismar um termo, carente na análise urbana, que se refira ao status da área, não da pessoa. Usado há décadas nas aulas proferidas por um destes autores, *topostatus* carrega um significado de prestígio social associado à zona, bairro e assemelhado. O propósito é de adequar status social e capacidade de consumir à interpretação socioespacial, estudando-se o “status do bairro” ou a condição do ambiente da moradia. Incluem-se indicadores sociogeográficos de alta e baixa vulnerabilidade social; portanto, qualidade de vida-ambiente (localização e articulação espacial, padrão arquitetônico, infraestrutura e mobilidade urbana, segurança, justiça, privacidade, capital social e cultural, oportunidade, acessibilidade e propensão a consumir serviços públicos e privados, dentre outros). Reconhece-se que, articulados no contexto da segregação residencial urbana, os níveis de acesso à renda, o poder de consumo, os grupos sociais de controle, os espaços privados de ensino, de lazer, compra, além de determinadas redes de relações, têm um padrão de distribuição espacial; isto é, uma “geografia do status”. Isso é procedente à medida que o “enobrecimento” da moradia e dos equipamentos de urbanidade e inteligibilidade fazem parte do propósito maior do morador da cidade.

² Viés unicamente mercatório, relacionado aos impactos socioespaciais resultantes do crescimento das *commodities* agrícolas. O avanço da exploração de gigantescos espaços para uso comercial tem descaracterizado a tradicional divisão das terras em rurais e urbanas, que já foram marcadamente articuladas. Muitas cidades brasileiras, inclusive maranhenses, hoje fragmentam-se espantosamente em meios agrícolas e meio urbanos, em detrimento da simplicidade bucólica.

As cidades são espaços contraditórios. Shevky;Bell (1955) comprovaram as articulações das suas desigualdades ao *status* econômico, à urbanização (fertilidade, força de trabalho, domicílios) e ao *status* étnico, implicando em atitudes e comportamentos distintos de outras áreas sociais. Como espaço funcional foi ensaiada sob sequelas de uma herança servil praticada na “economia dominial agrícola” (LAJUGIE, 1985). Pequenos centros administrativos e de trocas da Europa ocidental cristã dos séculos IX e X evoluíram para comunas e logo para cidades, impondo-se como células sociais importantes. São Luís, capital do Maranhão, é recente, significando que as praças não eram novidades na arquitetura trazida por europeus.

Retomada por portugueses em 1615, a cidade caiu em abandono por um longo período. Ainda na sua fundação em 8/9/1612, devido ao ousado anelo equinocial da França na Upaon-Açu³, um largo⁴ colinoso e simples foi o seu berço. o seu núcleo original foi ocupado pela elite (nobres, altas patentes militares e clero) e militares de baixo posto, além de operários de edificações, carpinteiros, ferreiros, pedreiros, comerciantes e religiosos. Com a expansão, na segunda metade do

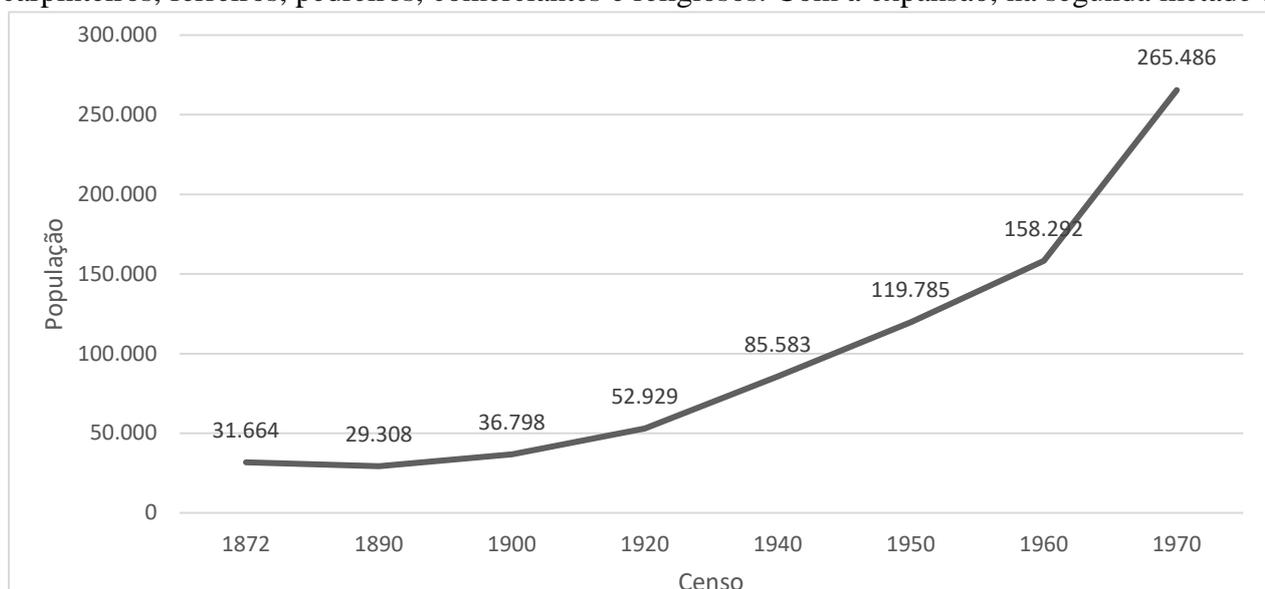


Figura 1 – Crescimento populacional de São Luís – 1872/1960

Fonte: PACHECO, J. Batista, 2002. Dados originais IBGE, 1998/2001. *Pode ocorrer desencontros de valores absolutos em outras fontes, por divergência de informações municipais.

século XVIII contava com mais de 16 mil habitantes (Fig. 1). Na terceira década do século XIX superava 30.000 pessoas (tabela 1), apesar das confusas estatísticas que excluía as “almas” escravizadas. Até o século XIX seguiu-se em São Luís uma lógica urbanística interessante à Espanha

³ Toponímia original e fluente apenas entre o povo Tupinambá, parceiros dos franceses no escambo e fortes aliados contra portugueses. Para os geógrafos é um arquipélago no qual se sobressai a Ilha Grande do Maranhão que, pela consagração do uso, afirmou-se como Ilha do Maranhão, estando ali estabelecida a cidade São Luís.

⁴ No sentido deste trabalho era uma área estrategicamente escolhida e rústica, dotada de dimensão significativa, mas sem a estrutura de praça. Contudo, como sítio original, tornou-se agregadora das grandes instituições decisórias, monumentos e mobiliários de belezas arquitetônicas incomparáveis.

e Portugal, que também utilizavam o escravizado africano. Na centúria seguinte, construções grandes e resistentes ostentavam-se no cenário urbano e, além das freguesias, o entorno recebeu grandes fábricas e suas *idades operárias* expandiram-se. O acervo arquitetônico da Praia Grande, Palácios dos governos estadual e municipal, a Biblioteca Pública, o Tribunal de Justiça, as Igrejas da Sé e do Carmo, o Teatro Arthur Azevedo, armazéns e escolas importantes, e as velhas fábricas, são amálgamas urbanísticas históricas. Na configuração das geofácies agregadas foi notória a participação do algodão na movimentação portuária, visto que a atividade industrial fazia exaustivo uso dessa matéria-prima. Meirelles (1992, p. 95) faz referência ao “[...] algodão, ele, por seu tipo inferior que o qualificava de ‘toda sorte’, já só aproveitava ao agonizante parque têxtil do Estado, que na próxima década de sessenta estaria todo desaparecido”. Uma miopia de mercado⁵ nos segmentos empresariais, o obsolescimento dos equipamentos e a concorrência externa, determinaram a falência do setor. São Luís mergulhou, pois, em grande crise e intensificação da pobreza, fazendo parte do processo a estagnação das fábricas. O desânimo industrial arremessou a Capital para uma dependência do comércio varejista com seus serviços articulados, intensificando-se os revertérios previsíveis para uma cidade que já nasceria assimétrica e adversa. O espaço público permanecia aberto para os semelhantes, mas fechado para os “estranhos”, isso alimentou o papel socializante da praça, mas foi ao mesmo tempo a sua derrocada, visto que o crescimento desordenado iminente intensificou a exclusão social e a intolerância, presumindo uma cidade refém da violência e entregue aos caprichos da criminalidade.

3. PRAÇAS PÚBLICAS EM AGONIA: DOS VALORES DE USO AO DE TROCA NO QUADRO ESPACIAL URBANO

Praça é um amplo espaço público, planejado ou espontâneo, dispendo de áreas livres, de passeio com ou sem piso, sendo normalmente arborizado, com mobiliário e voltado às necessidades de caráter terciário e socializador. Comumente, a cidade surgiu com a praça; ou a praça surgiu com a cidade, o que em termos práticos, jamais fez diferença visto serem entrelaçadas e indivisíveis. Por sinal, fisicamente muitas cidades do passado eram pequenas e não raramente foram confundidas como grandes praças. Puderam ser percebidas como Ágora, Largo, Terreiro, Área Livre, Rossio, Átrio, Pátio ou Praça propriamente. Além disso, este espaço público e democrático – no passado, excludente – tornou-se expoente na convergência, mistura e interação de pessoas. Podendo ser nó principal ou

⁵ Trata-se da falta de visão de inovação (*marketing myopia*) e de perícia em capitanear a empresa, de habilidade visionária ou de capacidade dos empreendedores em acompanharem a evolução do processo global de competição mercadológica, assim como de perceberem as expectativas de consumo local. Em diferentes situações, como por razões de foro íntimo, de conflitos com códigos de posturas, inviabilidades econômicas ou forças desiguais competitivas, são evidentes os desinteresses dos proprietários ou responsáveis legais em modernizarem os negócios de acordo com as expectativas de consumo. Daí o produto padecer de uma desvalorização, contaminada a ambiência de propulsão espacial e favorecendo uma deseconomia perversa ou um efeito irreversível de regressão.

centro vital da cidade, as praças mantiveram-se presentes na estrutura das cidades ocidentais, constituindo-se como verdadeiros centros da vida social.

A intensificação das atividades econômicas locais, como vendas de artesanatos e produção agrícola familiar a partir do século XI, cobraria a disponibilização de locais abertos para trocas comunitárias e cotidianidade. A partir do século XV, agregaram-se outras funções aos já irremovíveis espaços públicos urbanos. Nas compras junto às feirinhas que se instalaram em amplos locais abertos e nos largos, com suas banquinhas e barracas de praça, não prevaleceu a frieza e o ritual do simples comprar, mas os modos de quebrar barreiras sociais e aproximar pessoas. Frutificaram-se os estreitamentos comunitários, as relações interpessoais, os lugares para pessoas próximas se queixarem, concelebrarem e acumpliciarem; despertaram-se para questões atinentes a conforto e qualidade, como os cuidados em relação à colocação de equipamentos funcionais, à estética e à própria higiene. De tal observação, tem-se que a praça se afirmou como um insubstituível espaço de interação e trocas culturais, ainda que diante de uma modernidade às vezes acompanhada de um viés acintoso, tem sido revitalizada, deslocada e adequada e, mesmo quando em agonia, nunca extinta.

No quadro urbano, praças, parques e jardins são componentes indivisíveis como lugares de vivências e geograficidades intensas (Fig. 2). De localização centralizada, a praça destaca-se na qualidade e estética do ambiente, na circulação de pedestres, no descanso e recreação, nos eventos comunitários, nas atividades comerciais e nas tradicionais quermesses. Ademais, tem importância histórica nas proposições livres dos decanos intelectuais, nos “senadinhos” dos debates políticos, no desenvolvimento e avivamento de compaternidades, prosas e estórias jocosas sobre a vida alheia, nas intimidades dos namoros, nos relatos fantasmagóricos, nas proximidades familiares e estreitamentos de vizinhança. Todavia, estas mesmas praças foram perdendo suas funções à medida que a cidade se tornou mais complexa, artificializada e competitiva. Refém da globalização, torna-se cada vez mais estressante e entregue à desconfiança, razões para que os seus moradores prefiram morar e recrear em locais apartados e protegidos, em prejuízo dos tradicionais.

A busca por modos de vida preferencialmente privados alarga-se numa cidade que já teve significativo bocado do seu espaço voltado ao uso comum. Compartilhados, numerosos e satisfatoriamente sossegados, viam-se as praças, as quitandas, os barzinhos, os cinemas dispersos, os passeios pelas ruas; mas esses pontos e objetos de sociabilidade tradicionais, assim como as expressões de urbanidades enquanto vias simples de interação, já não encontram mais fôlego nas metrópoles ou cidades de tamanhos e complexidades assemelhados. Na urbe movida por tensões,

aguçadas pelos diferenciais de renda e sobressaltos de má vizinhança, as pregressas e elementares relações estabelecidas no universo de comunidade, há muito esfacelaram-se.

Porém, na contramão da frieza trazida pelo consumo moderno, em algumas praças é

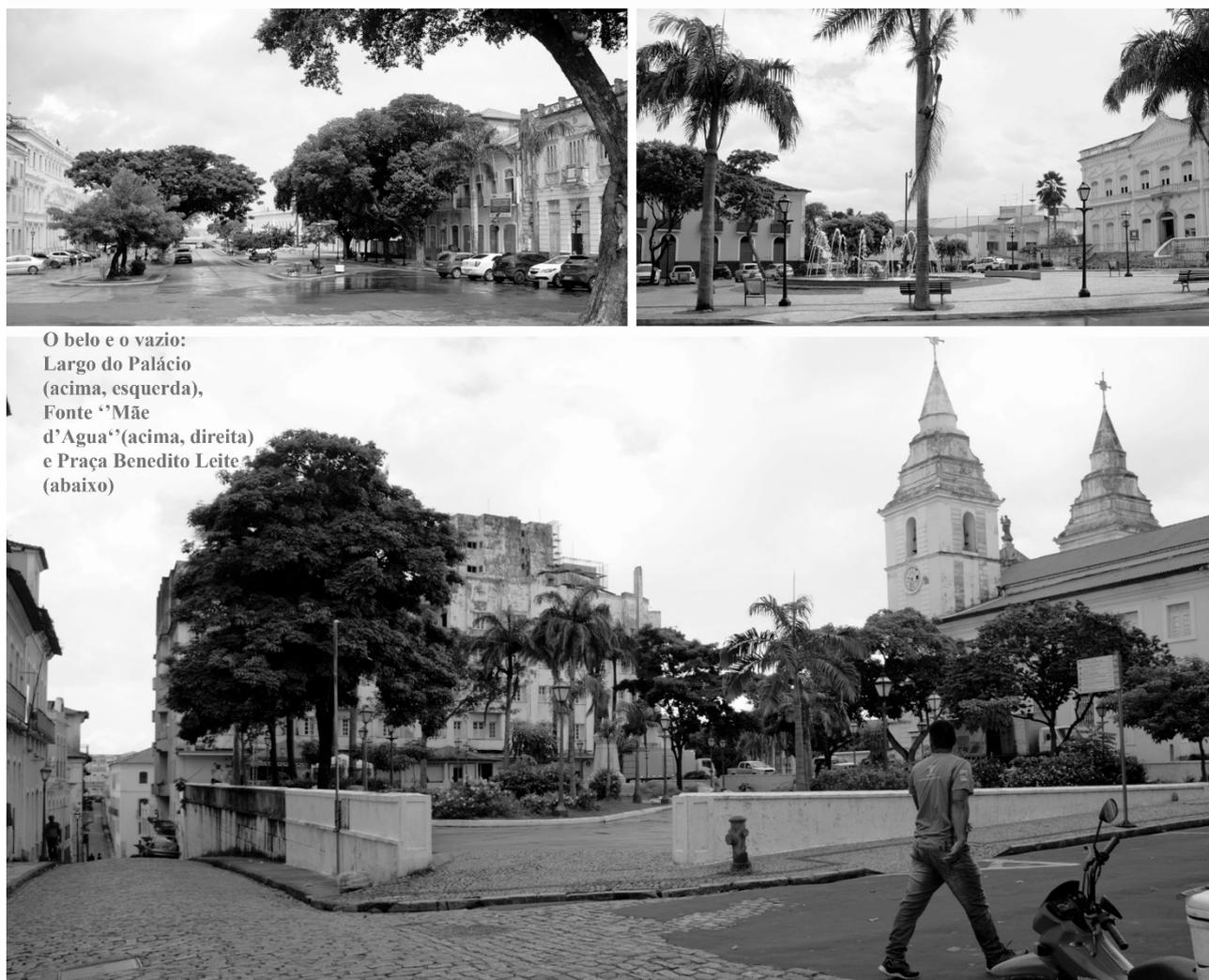


Figura 2 – Medo e abandono: vistas monocromáticas do Largo do Palácio (acima, à esquerda), estendendo-se ao Paço Arquiepiscopal (acima, à direita, palco da fundação de São Luís por franceses); logo abaixo, a Praça Benedito Leite. Registro de 2019.

possível o despertar do universo sensível, o estímulo à construção de memórias subjetivas, o perceber das memórias objetivas, o respirar da liberdade. Por isso, essa deve ser continuamente protegida, visitada, apreciada e vivida, pois traz sensação, conhecimentos e sabores que se renovam. Através da praça, é concebível resgatar o sentido comunitário, mesmo que a mesma esteja localizada em bairros assustadoramente segregados e vazios de interação (Fig. 2 e 3). Claval (2001) ensina que a cultura é feita de atitudes e gestos, sendo que a vida cotidiana implica uma multiplicidade de saberes. A apreensão do mundo e da sociedade é feita pelos sentidos: a vista, para situar e apreender movimentos dos seres no espaço; a audição, para elaborar uma dimensão sonora aos momentos de harmonia, emoção, medo e pânico; o odor, que ensina sobre as matérias e alia-se ao gosto. Dessa maneira, a

apreensão do real reveste-se de uma dimensão social, visto a cultura passar de uns aos outros pelas representações coletivas. Por extensão, as preferências e valores obedecem a um sistema hierarquizado, dizendo o que é bonito e feio, bem e mal, proibido e permitido, conforme a cultura prevalente. Logo, a ação humana é fundada sobre o instinto contextualizado, normatizado e canalizado pela cultura, estando aí as memórias vivas subjetivas (reflexos adquiridos, palavras e imagens) e as memórias mortas objetivas (inscritas nas formas, na concretude – percebidas por outros olhares, mas construídas nas experiências sensíveis, emancipadas das apreensões individuais. São aspectos da elaboração cultural, dos quais, a praça é partícipe.

4. PRAÇAS DE SÃO LUÍS E QUADRO ESPACIAL URBANO: ESTRUTURAS, EQUIPAMENTOS, MOBILIÁRIOS E USOS

Na capital maranhense, as praças têm localizações e configurações arraigadas a uma geografia da centralização dos órgãos da gestão pública, da atividade econômica e cultural sobre o restante do espaço (Fig. 2 e 3); ou seja, na praça está a convergência de instituições e atividades das quais emana o domínio e a imposição nas relações urbanas. Próximos às praças principais encontram-se espaços eclesiais, de justiça, corporações da ordem e moralidade, palácios públicos, variedades comerciais e administrativas, mas também de diversão. Satisfatoriamente equipada e feita para ensejar a circulação e a concentração de pessoas, elas têm atingido seu objetivo funcional há séculos, ao agregar variados serviços de interesse coletivo.

As praças eram abertas e serviam como ambientes de pacíficos comícios, *shows*, eventos paroquiais, atividades comerciais, passeios, namoros e meditações, pois até os anos 1980 e boa parte dos anos 1990, ainda estavam livres da acossa vinda da violência urbana extrema. Eram espaços de representações de histórias coletivas sujeitas aos seus próprios códigos e arbitragens morais construídas ao longo das práticas de uso do meio. Por sua vez, a interioridade cultural, a sensibilidade cognitiva que se apoderaria das formas e criaria objetos (bancos, capelas, jardins, coretos, vendinhas, estátuas, árvores seculares), ensejaria a sua objetivação; era a construção de uma unidade social vivida, marcada por relações de confiança e traços comuns de cultura e pertencimento em uma área definida. Propriamente um lugar, via-se na vida das praças a reanimação das memórias e de informações que oportunizariam *feedbacks* de sociabilidades, (re) leituras, usos de tecnologias e informações midiáticas. “Se as paredes falassem, poderiam contar a história da raça humana” (STRICKLAND, 2003). Por igual, se as praças falassem testemunhariam acerca do

Tabela 2/a. Funcionalidades, estruturas e percepções das praças do Centro – Ano 2018

Equipamentos, adaptação estrutural e avaliação	Praças históricas principais na percepção dos usuários					
	Panteon/ Deodoro	Gonçalves Dias	João Lisboa	Alegria	Odorico Mendes	Benedito Leite
Localização	Muito boa	Razoável/ adequada	Razoável/ adequada	Razoável/ adequada	Razoável/ adequada	Boa
Uso público	Alto	Baixo	Baixo	Baixo	Ocioso	Baixo
Iluminação	Sim/ razoável	Sim/ razoável	Sim/ precária	Sim/ razoável	Sim/ precária	Sim/ razoável
Arborização	Sim/boa	Sim/ precária	Sim/ boa	Sim/ razoável	Sim/ precária	Sim/boa
Bancos	Sim/ razoável	Sim/razoável	Sim/ bom	Sim/ razoável	Sim/ruim	Sim/ bom
Sanitários	Sim/ razoável	Não	Não	Não	Não	Não
Bebedouros	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Academia para idosos	Não	Não	Não	Não	Não	Não

Fonte: Atualização de campo, 2019. Adaptado de Pacheco, 2013; 2018.

real vivido das serenidades e dos aflitos, das esperanças e dos desânimos; dos encontros e dos desencontros no seio das comunidades, dos bairros, das cidades. Mas se a praça não se exprime apenas por palavras ou geoiconografia, revela-se como um registro cartográfico duradouro, um testemunho geográfico da presença humana boa ou ruim – o que é irremovível da paisagem urbana.

Embora a praça do passado tenha ajudado a refletir sobre o universo dos sentimentos, da poesia, da arte, da arquitetura, da história e da geografia, resumindo um quadro espacial de localização e articulação de sonhos fascinantes, de realidades prazerosas, a de hoje tem sido palco de pesadelos e desventuras. Eis que nas últimas décadas surgiriam incontidas buscas por novos e seguros espaços de sociabilidade e inteligibilidade, articulada ao demérito das praças públicas na história de São Luís.

Mudanças na cidade também mudaram a praça, tanto na morfologia, quanto na subjetivação. Essas foram direcionadas pela tecnologia, urbanismo e crescente artificialismo ou por acontecimentos espontâneos, frutos das vivências. A localização geográfica, a estrutura, funcionalidade e percepção das praças de São Luís, a princípio reunidas nos sítios originais dos bairros ou nos centros mais importantes do conjunto urbano, foram marcadores interessantes na elaboração de mapas mentais da configuração capitalista e comportamental da cidade. Embora hoje em disparado e inevitável declínio, sem os equipamentos e confortos necessários, as praças são lembradas, assim como os seus os modos de uso (Tabelas 2a/2b):

Tabela 2/b. Funcionalidades, estruturas e percepções das praças do Centro – Ano 2018

Equipamentos, adaptação estrutural e avaliação	Praças históricas principais na percepção dos usuários					
	Panteon/ Deodoro	Gonçalves Dias	João Lisboa	Alegria	Odorico Mendes	Benedito Leite
Posto médico	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Conforto sonoro	Não	Sim/ razoável	Não	Não	Não	Não
Calçada e piso	Sim/ bom	Sim/ muito bom	Sim/ ruim	Sim/ bom	Não/ razoável	Sim/ bom
Parque infantil	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Lixeiras	Sim	Não	Não	Não	Não	Não
Escultura	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
Segurança	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Estacionamento	Não	Sim	Não	Não	Não	Sim
Cinema, escola	Sim	Sim/ razoável	Sim	Não	Sim/ razoável	Sim

Fonte: Atualização de campo, 2019. Adaptado de Pacheco, 2013; 2018.

O Centro Histórico é onde se encontra espaços públicos abertos como largos e praças mais memoráveis (Tabelas 2a/2b), dentre eles, o Largo dos Amores/prça Gonçalves Dias, Praça do Comércio, Largo do Palácio, Praça Pedro II, Largo de João do Val ou Praça Benedito Leite, Praça Deodoro, Praça do Desterro, Praça das Mercês, Praça Henrique Leal (Largo de São João), Largo do Carmo e Praça João Lisboa, Largo de Santo Antônio e Largo dos Remédios. Observa-se que embora sejam bem localizadas, distribuindo-se estrategicamente em cada aglomerado populacional, além de razoavelmente iluminadas, as praças são de baixa qualidade quando se trata de atendimento aos grupos etários mais sensíveis, como os de crianças e idosos. Apenas a praça Deodoro/Panteon, por posicionar-se em nó de mobilidade intensa, servindo a ônibus, veículos particulares e pedestres que consomem o comércio da Rua Grande e adjacências, além de recente reforma, é mais funcional, lembrada e melhor avaliada. As ausências de segurança, conforto sonoro, sanitários, parque infantil, academia e estacionamentos são decisivas quanto ao comprometimento da funcionalidade de todas as praças em estudo.

Sob constructo de atores da trama, vê-se que a involução funcional da praça aberta e o seu gradual esvaziamento (Figura 2) decorrem de uma trilha histórico-espacial capitaneada que mostra: 1) a ruína dos velhos espaços de entretenimento situados vizinhos às praças, como cinemas, teatros, casas de festas e assemelhados; 2) a intensificação e acintosa espacialização da criminalidade violenta que potencializa fobias, cujas reações coletivas levam a progressivas transmutações culturais, mudanças nos compartilhamentos e busca de alternativas de sociabilidades no urbano; 3) a

Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território, V.10, N.1 (2019), 96:125 SSN: 2177-4366

estrutura e infraestrutura descentralizadora implantada, voltada especialmente ao crescente uso do solo urbano pelos *shopping centers*. Nota-se, diante disso, alteração de comportamento da população, sendo o *shopping center* cada vez mais receptivo, ou o jovem dedicando-se ao universo do ciberespaço e os idosos recolhendo-se na proteção dos seus domicílios familiares. O óbvio é que sob vicissitude trazida pela globalização⁶, a praça se fragiliza como marcador espacial de sociabilidade. Antes desse quase inevitável processo de esmorecimento, as praças eram lugares de interação e cúmplices de cotidianidades desenroladas em escala de tempo sem pressa e cenário geográfico de toda gente. A cidade, agora desordenada, passa a ser estimuladora e o reflexo da ansiedade coletiva que tem levado pessoas ao isolamento e à individualidade mórbida; remete à emergência de praças com formas físicas vazias e assustadoramente silenciosas; torna-se promotora da dissolução ou da reorientação espacial de tantas outras formas de lazer outrora praticadas.

5. VIOLÊNCIA URBANA EXTRAMURO E CUSTOS BIOQUÍMICOS: demônios do medo, estresse e fuga dos espaços públicos.

O trinômio ambiente-saúde-doença entremeia-se na dinâmica anômala da cidade e sob arrebatamento da ansiedade e da agonia, desvela-se uma relação cidadão-espço público danosa e que tem esvaziado a praça (Fig. 3). O mal-estar coletivo advém de uma contraposição espacial que incita persistente sensação de insegurança, pavor e inquietude diante de acontecimentos reais e daqueles projetados pelo imaginário urbano; das situações de perigos factuais, mas também fantasmagóricas, que lamentavelmente ganham dimensões epidemiológicas, organicamente invasivas e extensivamente geográficas.

Na perspectiva dos imaginários urbanos, nascidos da lida diária em cidades tensas, fantasmagoria ajusta-se como uma “ideia ou expressão que se opõe ao que é racional” (Dicionário HOUAISS, 2001). Na verdade, em conflitos expostos publicamente entre o irracional e o racional, o indivíduo pode criar situações fictícias e equivocadas, como as consecutivas iminências de crime em quadros espaciais verídicos e duradouros, no caso a violência urbana. Agarra-se a uma tentativa imaginosa, construída pelo inconsciente, de dar existência material a representações geralmente estranhas ou ilusórias que fariam parte da sua prática no urbano; isto é, algo nascido dos enfrentamentos materiais e psíquicos de todo dia, é experimentado e objetivado em um universo próprio de expectativa, desespero e derrota. Neste caso, as atitudes estariam inscritas em um mundo

⁶ Talvez os vieses mais perversos da globalização sejam a invasão brutal de padrões de comportamento não necessariamente salutares e visões de mundo impositivas, o confundimento de identidade e a pressão na negociação dos controversos culturais. Os efeitos deletérios, potencializadores dessas tortuosidades, estão na progressiva substituição da cultura pura pela modernidade viciosa e confusa, na prática do consumismo maquinal, na exclusão social e na substituição veloz do sentido de ser no mundo, do sentido de humanidade e de relações altruísticas, culminando em mais individualismo, violência e segregação residencial.

espectral falseado e geralmente sem discernimento, sendo sustentado principalmente na fabulação, nos boatos e nas mentiras cotidianas, o que colocaria em suspeição aquilo que poderia ser acolhido como intencionalmente puro em algum momento e em algum lugar.

Em congruente reflexão, Silva (2001, p. 59) diz que “o fantasma vive sob a marca do imaginário, só que dentro de certas condições de verossimilhança [...] Então, o fantasma sempre será de ordem imaginária, só que vive como se fosse real”. Numa situação de conflito socioespacial persistente, um croqui mental das diferenças elaborado a partir dos *espaços nobres* tem representado o espaço público como adensado por indivíduos mal providos e impunes, produtos das *favelas*⁷. Essas – pobres segmentos geográficos culpados por todos os males urbanos –, se revelariam como espaços ilegais, subnormais e degradantes, de cotidianos desafiadores e insalubres, estando a descoberto e irreprimido o barulho, a emissão de poluentes, as aglomerações para algazaras, os vandalismos, crimes violentos e variados. Na contramão, os meios depauperados veem os ricos como espoliadores, preconceituosos, “bacaninhas” ou simplesmente nada; mas geralmente como vilões da exclusão.

A atmosfera de estranheza e divergência proporcionada progressivamente pelos espaços públicos – que estariam expostos à sorte – estimulou classes média e alta a ficarem cada vez mais separadas daqueles tidos como vulgares espaços. Investiram em residências mais refratárias e facilitadoras de uma vida íntima mais resguardada, ao limite da segregação, às vezes, “condescendente”. Este mesmo mapa de relação que pode conter soberbia *versus* humildade, geralmente mostra que as boas relações de vizinhança são menos aquecidas: em residências de alto status a proximidade não é necessariamente aberta, apesar de certa similaridade em experiências e visões de mundo. Priorizam-se a preservação da intimidade familiar e a minimização de choques de interesses; esse “vínculo” se torna mais travado diante de áreas extramurais “menos generosas”. Caracteristicamente é legal, fechado, segmentado e movido pela proeminência de arranjos funcionais capazes de reunir uma urbanidade de exceção à pública, regida por praxes próprias, embora adequadas aos sistemas de ordenamentos jurídicos da cidade. Efetivo, funciona em sintonia com os novos bens de consumo e serviços disponibilizados pelo meio técnico-científico informacional. Caldeira (2000) bem alertou para o processo de violência que tem colaborado para a constituição de cidades cada vez mais segregadas. Em São Luís, os apartamentos e boas residências são claustros modernizados e contemplados por forte sistema de segurança e privacidade; às vezes

⁷ Correspondendo ao termo inglês *slum* ou ruas sujas de bairros pobres ou decadentes, desde o século XIX esta forma de ocupação urbana tem sido associada por especialistas a crime e degradação humana, conforme descreve Davis (2006, pp. 32;33): “apavorantes moradias”, “o mais vil dos esgotos”, “cidade assustadora”, “doença, pobreza e vício”; enfim, de “resíduo social incorrigível e feroz” ou “uma área de becos e ruelas sujas, principalmente quando habitada por uma população miserável e criminoso”. Acrescenta o autor, que a adoção oficial da definição aconteceu em reunião da ONU em 2002, restrita às características físicas e legais do assentamento, evitando as dimensões sociais mais difíceis de medir.

convenientemente estendido ao próprio bairro (copropriedade fechada). Fora do trabalho, os seus cotidianos são marcados por intermináveis horas em seus lares, sintonizados na tecnicidade e envolvidos nas suas perspectivas pessoais. Moram a pouca distância uns dos outros, às vezes até geminados, mas não são necessariamente vizinhos e íntimos, apesar da rota da recreação parecer comum: as praias seletas, os clubes e os *shopping centers* – não mais as praças ou assemelhados. Embora as recentes redes digitais tenham estrangulado as familiaridades e as qualidades mais introvertidas, encontra-se em Claval (p. 129) o entendimento que no âmbito dos espaços mais isolados o foco é preservar a intimidade e a liberdade de cada um, estando a família isolada da vizinhança, permanecendo limitada e fria.

Em um quadro geográfico de desconfiança e violência – não necessariamente nos patamares de megacidades e metrópoles brasileiras – é visível que a cidade de São Luís tem ficado cada vez mais abalável, estando a população crescentemente atropelada por tensores. Padecendo de uma *ambientite*⁸ – em detrimento da homeostase ambiental – o espaço público está ficando mazelado, carregado de indisposições, fobias e estresse com suas respostas deletérias. Em tal situação, ou se aprende a lidar com os novos tempos de irritação, tensão e seus efeitos destrutivos ou se tenta minimizá-los, fugir dos lugares públicos e se segregar. Assim, não tem sido possível desarticular a análise das praças públicas de uma geografia que não raro tem sido alimentada nos aportes indecomponíveis de crime e saúde. As sucessivas intimidações morais, as vias de fato e as fobias que estão nas rotinas se juntam aos estereótipos, traumas vividos e presumidos e outros motivadores de fuga dos lugares públicos e da separação residencial. Estão inevitavelmente ligados aos anseios por espaços necessariamente seguros e aos consequentes esvaziamentos de tradicionais lugares de sociabilidade, como praças, clubes e cinemas.

Na reprodução socioespacial contraditória da cidade grande, há os indivíduos que crescem socioeconomicamente por superação, sobrepujando obstáculos, e também aqueles de privilégios suspeitáveis que ascendem em papéis sociais não necessariamente por méritos, mas por heranças de regalias ou por vantagens alheias à sua competência; outros são mantidos excluídos e frustrados de serem cidadãos participantes e, na parte avessa, encontram-se grupos espoliados, muitos dos quais irascíveis e rebelados à medida que a sociedade os têm como atores inatos das ameaças. Mas espacializar a criminalidade não significa necessariamente acompanhar um protocolo austero, pois os atos condenáveis não têm vocações geográficas rígidas ao extremo, mas acontecem por associações históricos-espaciais que culminam em tendências que seguem o momento e o tamanho

⁸ Um improviso gráfico oportuno, criado pelos autores na lida com questões de saúde coletiva para expressar um ambiente urbano assimétrico e mórbido, que sob as amarras de tensores, sejam geográficos, sociais, ou de qualquer ordem, cresce nas topofobias e carece de um premente olhar epidemiológico, por conta dos mal-estares pessoais e coletivos.

das forças controladoras. Ou seja, uma geografia da violência ou do crime tem dinâmica, tem movimento, tem orientação conforme escalas de tempo e espaço; muda conforme os agregadores econômicos, sociais, políticos, culturais e éticos que dão curso à vida de relações de vizinhança e estranheza. Contudo, mesmo diante do óbvio que as práticas condenáveis têm propensão espacial transitória, a construção de uma geografia de atos ímprobos ou de banditismo não pode desconhecer as relações das trivialidades com o *onde* e o *como* o crime pode acontecer: 1) o fora-da-lei bem-ajambrado prefere morar nos bairros de médias e altas classes, pois vale-se da boa aparência e do topostatus insuspeito como disfarce. Casualmente noticiam-se os famigerados crimes de colarinho-branco, que são mais artificiosos pelo *status* e pelo aspecto elegante e formal do infrator. São partícipes de violência e outros atos condenáveis, como ingerências na coisa pública e corrupções, intolerância étnica, conflitos morais e abalos afetivos nos relacionamentos amorosos, por exemplo. Talvez por conta do interesse do público espectador ser menor ou por força do *status*, geralmente as veiculações midiáticas desses crimes são fugazes. Nos programas populares de televisão e colunas de jornais com essa especificidade, muitas violações da lei que deveriam ser melhor informadas tendem a ser veladas ou não censuradas na medida esperada; 2) em áreas distintas há tendência de se encontrar o fora-da-lei mal-amanhado. É o meliante dos segmentos rebeldes de baixa renda, encontrado preferencialmente junto aos pares e lugares que desconhecem a resignação e convivem em favelas e aglomerados em invisibilidade. Arraigadas a um padrão sociocultural de sujeição aos pré-julgamentos e que se desenha em curso contrário ao perfil anterior, as transgressões originadas ou articuladas a esses espaços vulneráveis são publicamente mais expostas, constantemente noticiadas e, sob pressão da sociedade e órgãos de repressão, são mais frequentemente apuradas e penalizadas; enfim, mudam-se os conceitos de crime: os bandidos da favela e assemelhado seriam os maiores perigos e atores excepcionais de ameaças contínuas à ordem estabelecida.

Nesse jogo da distinção e peso social, é patente que crime e segregação não são necessariamente sinas, mas arquitetados por uma história de projetos perversos de reprodução de autonomias e dependências. Os bolsões periféricos assustam, sem rodeios, os vistosos topostatus, visto que a criminalidade banal nasceria ou se reproduziria ali na periferia. Tamanhas desigualdades e desconfortos colocam em discussão a contracultura e o temor da criminalidade como separadores geográficos. Cotidianos adversos aproximam os seus pares e funcionam como identificadores de separações compelidas. Em fuga, segmentos sociais de grande posse buscam condomínios protegidos como forma de anularem as sensações de ameaça dos supostos “desajustados sociais” que perambulam pelos espaços abertos.

Os poderes de repressão ao crime, as políticas e os programas de equidade social, embora em muitos casos sejam eficientes, na maioria das vezes não atingem a eficácia na minimização desses

descompassos, pois a favela como “espaço violento” é um clichê atado aos históricos estereótipos, sobrevivendo ao longo do tempo. Assim, é desenhada no inconsciente e reproduzida nas classes sociais mais favorecidas. O agravante nesse mapa mental preconcebido é que os crimes que alguns cometem não se limitam aos assaltos, sequestros e assassinatos, mas incluem transgressões socioambientais; eis aí uma justificativa de se criarem espaços privados capazes de darem sentido econômico, social e psicológico às classes exigentes. No contexto, inclui-se a questão do *shopping* como espaço seletivo de compras, mas principalmente de refúgio e terapêutico. Além dos traumas presenciais, jornais escritos, televisão, *internet* e revistas trazem continuamente para as famílias informações e situações que funcionam como tensores. Na contraposição de domínios pobre e rico, impera a estranheza em detrimento da boa vizinhança: reciprocamente, um é a casa, protetora; o outro é a rua, agressora. Nessa ambiência de tensão oposta, construída entre áreas desiguais instala-se o estresse, um mal que acompanha o cidadão de modo cada vez mais agressivo à medida que a cidade potencializa os efeitos socioespaciais da urbanização desordenada. Em mundos de distintas significações quanto ao acesso às políticas de justiça social, ampliação do capital social e recursos econômicos externos, as barreiras psicológicas se formam fundadas no abismo socioeconômico do qual irrompem e se agigantam a desconfiança, a intolerância e o medo avivado.

Os estressores instalam-se no urbano: alerta, resistência e exaustão são fases do estresse que, seja com uma ou com todas, o indivíduo da grande cidade inapelavelmente convive ou deverá conviver. Os transtornos são imperativos, isto é, o medo da violência, real ou imaginada, assim como a inquietude, conduzem à fuga, ao afastamento das práticas comuns. Estimulam o indivíduo ao apego exacerbado aos prazeres só encontrados nos limites internos das suas residências, nos seus carros relativamente seguros, no trabalho não desgastante ou nos espaços de lazer preferencialmente privados, mesmo que em prejuízo das sociabilidades diversificadas e experiências-mundo. A temível ansiedade instalada em cidade violenta é mais duradoura e deletéria porque gera uma sensação de indecisão, insegurança e prolongamento da expectativa ao trauma, ativando nos indivíduos reações bioquímicas desfavoráveis ao equilíbrio. Age sobre glândulas, como as ad-renais, promovendo secreções que podem ser o gatilho para uma *hiperalostase*⁹, prenúncio da carga alostática – responsável pelo descontrole hormonal, podendo dá-se a ruptura de estabilidade (interrupção de homeostase-alostase), prostração, adoecimento gravíssimo e até óbito. É uma situação desconfortável

⁹ A respeito da fase de ataque de estresse que compromete o funcionamento humano e que opera na contramão da regulação homeostática e da alostase os estudiosos McEwen; Lasley (2003), em relevante estudo, ensinam que a alostase, preferível como termo mais novo. Significando uma fuga equilibrada ao estresse, “ênfatisa a noção de que os sistemas alostáticos ajudam a manter o corpo estável pelo fato de eles próprios terem a capacidade de mudar”; contudo, a *carga alostática* é o estresse mais grave; é o dano que a reação alostática causa quando funciona de maneira imprópria. Uma *hiperalostase* (ou mesmo *desalostase*), embora não seja termo pelo qual se tenha pretensão de substituir o de carga alostática, é esporadicamente utilizado neste trabalho com o mesmo sentido de excesso ou desequilíbrio, registrando-se, todavia, a deferência aos autores supra.

que não contraria reflexões afins originadas em estudos de Cassel (1974)¹⁰ para a vida com estresse na vida urbana moderna.

A exposição de um indivíduo diante de um mal-estar urbano – uma *ambientite*, opcionalmente – poderia ser assim descrita: os (geo) tensores ou geostressores, avolumáveis na modernidade e na incivilidade, arremessa a pessoa (a princípio, em equilíbrio ou homeostase) ao *euestresse* (ou eustresse, como um estresse bom ou necessário), forçando a atividade do Sistema Nervoso Autônomo (SNA)¹¹, que é influenciado pelo sistema nervoso central e formado pelos sistemas Simpático (toracolombar) e Parassimpático (craniossacral). Trata-se de uma rede neurônios que age no monitoramento da musculatura lisa, na regulação endócrina, cardiovascular, renal, digestório enfim, controle de movimentos involuntários, como o intestinal, tendo como principal sistema periférico o Sistema Nervoso Simpático (SNS). O SNA é sistema de movimentos ou reflexos involuntários, que acontecem como reações aos estímulos ambientais. É também regulador de funções neurovegetativas, sendo principal responsável pela homeostase diante de estímulos do dia a dia; ou melhor, pela alostase. Hormônios produzidos em quantidade e durabilidade aceitáveis são cruciais para a saúde, contudo, o estresse tem a capacidade de causar desordem nas duas glândulas adrenais (suprarrenais) humanas, que repousam sobre os rins e são anatomicamente gânglios autônomos do SNS. Uma delas é a adrenal *córtex* (mais externa, acima do rim e controlada pelo eixo hipotálamo-hipófise). Esta sintetiza o cortisol (cortisona) e mineralocorticoides (aldosterona, importante para a pressão sanguínea equilibrada, agindo sobre sódio e potássio no organismo), além de androgênios (testosterona e hormônios similares) e estrogênios; a outra parte é a adrenal *medula* (ou simplesmente medula, está mais central e acima do rim, funcionando em conformidade com o SNS), responsável por sintetizar e secretar catecolaminas, monitorando a epinefrina (ou adrenalina) e a noradrenalina (norepinefrina). Esses gânglios funcionam em sintonia com o SNA. O SNS, seu integrante, controla suor, frequência cardíaca e pressão arterial, por exemplo, articuladas ao hipotálamo e às glândulas pituitárias que, em comunicação liberam hormônios. Como um time de futebol, para funcionar bem, o organismo precisa ser desafiado, provocado e ter bom ritmo para poder lidar com os agentes estressores ou estímulos. O nome da reação diante de atividades simpáticas (luta ou fuga) relativas aos efeitos de tensão sintomática e efêmera (estresse agudo e de pequeno impacto) é a alostase (termo referido, apesar de homeostase ou constância ter a preferência médica). Nela, a excitação, a liberação de hormônio, como adrenalina, o aumento do metabolismo, dilatação de vasos

¹⁰ Somente na ambiência histórica e danosa entre as grandes guerras mundiais, notadamente na década de '20 do século passado, é que se iniciou a atenção, na medicina, bioquímica e neurociências, para a questão do estresse como síndrome e seus múltiplos sintomas nos seres humanos.

¹¹ Conforme Junqueira; Carneiro, (2013, p. 170), sua função é ajustar algumas atividades do organismo, a fim de manter a constância do meio interno (homeostase). Conforme Comoli (2019) auxilia o corpo a manter um ambiente interno constante ou balanço fisiológico global das funções corpóreas(homeostase), através de comandos que levam a ações compensatórias à estímulos internos e externo, além de ajustes neurovegetativos.

e elevação de fluxos sanguíneos, por exemplo, significa um estado bom e dá estabilidade ao corpo – diferentemente da homeostasia, que regula as funções para um estado sem variação, não provocado, o que pode expor o organismo a um *ócio metabólico* ou *vício de homeostase*, assim mais vulnerável aos impactos. Enquanto a condição de homeostase é linear e não aceita modificações no equilíbrio, a alostase leva em conta possibilidades de rápidas e pequenas – porém recobráveis – mudanças dos seus próprios sistemas vitais e sintomas (temperatura corporal, batimentos incidentais, tensão arterial episódica, ligeiras alterações nas taxas de glicose, por exemplos). Trata-se de um *trabalho metabólico preventivo* resultante dos esforços cotidianos de produzir “amortecedores” de estresse. Estes apropriados anuladores de tensão se produzem e fortalecem através de apoios sociais e recursos pessoais, que possibilitam situações de tolerância, evitamento, minimização e superação de problemas de convivência social. Já que o indivíduo está submetido a contínuo ataque de geoestressores ou estímulos possantes, é comum a alostase criar capacidades de mudar ou resistir diante das adversidades, notadamente advindas das relações intrincadas impostas pelas desigualdades sociais. Como estratégias de manutenção da alostase, a pessoa deve saber avaliar, manejar a situação e adaptar-se diante das exposições aos agravos socioambientais. Para ter sucesso, carece buscar o autocontrole, a aceitação oportuna, o esquivamento e o distanciamento de acontecimentos desagradáveis; ter o suporte social, elaborar estratégias e conhecer experiências bem-sucedidas de enfrentamento e de solução de problemas. Por fim, fazer reavaliações e encontrar formas de ajustamento. Agindo na resiliência do corpo diante de mudanças, a alostase tem função orgânica de regular emoções, de driblar o estresse, de lutar e estabilizar o organismo.

Por outro lado, geoestressores quando se fazem mais duradouros e agressivos aumentam os efeitos para *diestresse* ou *distresse* (LARCHER, 2000), um estresse ruim, de quebra de equilíbrio), que incide em hiperativação do sistema nervoso simpático, sendo que um processo de esgotamento das glândulas adrenais leva a distúrbios hormonais. Se as relações cotidianas são potencializadas para tensão contínua, infelizmente, a fase diestréssica (ou distréssica) – de intensa exaustão – geralmente vem acompanhada da referida carga alostática. Esta tem caminho inverso e abre portas para lassidão e produção contínua e desequilibrada de hormônios nocivos. Estrangulado o estado de *coping*, a capacidade de lidar com os problemas, a alostase pode não mais controlar os deflagradores de estresse e as mudanças infestas. Não só vividas, mas também em muitas situações de delírios persecutórios (perigo imaginário), a constância leva ao estresse total, o que incita a hiperalostase a interferir no sistema neuroendócrino, notadamente nas glândulas suprarrenais (ad-renais) através da produção desgovernada de hormônios, seja hidrocortisona, seja adrenalina, como exemplos. Essa resposta nervosa e endócrina infelizmente é o estresse propriamente dito, visto que em excesso causa abatimento no corpo e na mente, que funcionam inadequadamente e sofrem consequências

exaustivas, frequentemente destrutivas. Em um mundo real e de subjetividade, o poder destruidor ou mesmo a ocorrência dos fomentadores de tensão, como já se abordou, têm distintas percepções e orientação espacial (quadro 01). O perigo imaginário, um dos mais poderosos estímulos, tem relação com classe social:

A violência nas ruas, seus exércitos de mendigos e, enfim, o alto grau de impunidade das condutas puníveis levam o cidadão a sentir-se indefeso e a projetar essa sensação em algumas ruas que se convertem em verdadeiros croquis de perigo [...] *a imagem de perigo de uma rua está associada à sua necessidade de uso e confrontação* [...] isso implicaria que o grau de consciência de uma cidade, por parte daqueles que ‘vêm de longe’, é uma impressão abstrata [...]. Silva (2001, p. 122).

Ao saírem do seu espaço de circulação preferencial, muitos indivíduos – isso quase sempre – percebem o espaço extramural e comum como topofóbico, os estímulos perniciosos. Tétrico e cruel, abre caminho até para episódios psicóticos e neuroses. Das áreas de circulação comum, muitas se configuram como territórios do mal, de onde insurgiriam situações de violência recorrentes, sendo que o medo impeliria pessoas ao confronto, mas também ao distanciamento, ao tédio, a depressão e, quando possível, à segregação residencial e aos sonhos por um viver cotidiano privado. Frustrando-se o sujeito da circulação livre e prazerosa, a incivildade e a fúria criam neste uma sensação de aborrecimento, angústia e aprisionamento na ansiedade (PACHECO, 2005), o que contribui para o desenvolvimento de cargas alostáticas que atropelam a própria alostase do seu organismo.

Em grande parte de São Luís, circular em espaços públicos, desfrutar dos seus equipamentos e visitar determinadas áreas residenciais tem sido tarefa que acentua um medo antecipado (Quadro 1). Dos bairros luxuosos vem a sensação do olhar de desconfiança e de rejeição; dos bairros precários o sentimento de curiosidade e agressão. A ansiedade, que acompanha os estados de expectativa e medo, impõe uma condição de fragilidade no indivíduo, pois revela constantes pensamentos anômalos e a iminência do ataque que constrói estados emocionais muito fortes. Revela sensações de perigos imprecisos e de tamanhos copiosos; delírios intermitentes e penosos, cujas indecisões sobre o que fazer podem gerar desequilíbrios sucessivos. A somatização do estresse advinda dos conflitos cotidianos traz o transtorno, a sinergia da insegurança e temor, invocando, nessa atmosfera psíquico-espacial, a inquietação, a preocupação, o nervosismo e outras condições emocionais que despertam um desarranjo psicossomático continuado e agregado até a manifestação de doenças. Numa cidade vulnerável, os geostressores que colaboram para a intensificação da separação dos espaços de moradia somam-se aos estereótipos, aguçando sensações topofóbicas (fobias intraespaciais) que remetem o indivíduo ou grupos à apreensão, à indecisão ou à saída de cena. Tudo se move pelas expectativas que alimentam as segregações e o fortalecimento de herméticas barreiras socioespaciais e psicológicas.

Biaggio (2003) também discute a questão do medo e da ansiedade no universo do estresse. Sustentada em Epstein, coloca a ansiedade como um estado desagradável de excitação difusa que se segue à percepção de uma ameaça, sendo provocada por condições como superestimulação, incongruência cognitiva e não disponibilidade de resposta; ou seja, estimulações excessivas, situações sem sentido e que não se sabe o que fazer. Eis que a paranoia urbana da estranheza e de temores recíprocos mostra situações nas quais o cidadão se sente, como diz Pedreira (199-?), “flagelo auto-inflingido, que pode requerer tratamento medicamentoso e psicoterápico”. Na atmosfera sinistra impulsionada pelo medo, não mais se desconhece um estado de força que impele a busca desenfreada pela segregação residencial profunda e a procura por espaços de compra e lazer reservados ao máximo. Motivados por certos desesperos, cidadãos convivem com estímulos que os levam aos afastamentos de determinados convívios sociais e os expõem às vastas e ruins respostas psíquico-sociais¹², que atuam em sinergia.

Percebem-se dois desarranjos que acontecem na contramão de uma *urbanofilia*¹³: *pós-traumáticos* e *pré-traumáticos* (PACHECO, 2013). O mais conhecido e estudado é o transtorno pós-traumático (SEPT). Neste, as relações de conflitos decorrem de situação *in actu*. Os efeitos deletérios – de manifestação *retardada* – a que são submetidas as pessoas são provenientes de acontecimentos *vividos* ou *presenciados* e revividos, mesmo que nas reminiscências. O estresse vem de respostas tardias diante de situações concretas de violências às quais as pessoas estão frequentemente ou aleatoriamente expostas, acentuando desequilíbrios psicossomáticos, reduzindo suas imunocompetências, motivando as suas separações socioespaciais e justificando investimentos a qualquer custo nos espaços privados e salubres. Num mundo de demônios do inconsciente, o medo é súbito e crescente diante de supostos roubos, ofensas à honra, espoliações e agressões físicas, por exemplo. Mas os efeitos destes são notadamente potencializados se o *ato molesto* venha a ser praticado por libertino dos vizinhos espaços rebeldes, cujo perfil seria de “um cara predestinado a ter índole exponencialmente perversa” – imagem de temor apreendida em um sistema preconcebido; ou por aquele “fantasma” que insistentemente persegue a suposta vítima nas inseguras e horripilantes vias públicas. Na agastada inter-relação xenofóbica, forma-se a imagem da rotina pública do aflito, do terror, do perigo e da luta, cujos ícones em movimento que sobressaem nesse ambiente de múltiplas

¹² Há situações críticas de segregação urbana, originadas em transtornos extramurais, que simbolizariam uma espécie de *urbanhermit* ou de indivíduo isolado ao extremo.

¹³ Ou *urbefilia*, inspirada em *topofilia*. Esse último é um termo cunhado pelo geógrafo Y-Fu Tuan que, na perspectiva humanista, trata de laços afetivos do homem como meio. As obras “Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente” e “Espaço e lugar: a perspectiva da experiência”, ambas publicadas pela DIFEL nos anos 1980, têm sido valiosas no desenvolvimento da concepção de lugar. Em boa parte deste trabalho tem aplicação, especialmente no entendimento das representações acerca de espaço como agradável, feliz e de boa vizinhança; e de desprezo, xenofobismo e segregação. Na epidemiologia social, as sensações boas (topofilias) e ruins (topofobias), tiradas das relações com escalas vividas, são inamovíveis do *sentir-se bem* e dos *mal-estares*. É uma questão que pode estimular mais estudos sobre a saúde-doença urbana.

fobias são os indivíduos malvestidos, afrodescendentes e os carros populares e malcuidados, embora ironicamente os crimes recentes tenham tido como relevante suporte o carro de luxo. Em universo

Quadro 01 - Representação de risco na usança de espaços públicos - São Luís/2018/19

Logradouros mais lembrados	Imagem de visitação/passeio ao dia	Imagem de visitação/passeio à noite e fim-de-semana
Praça Deodoro/Panteon (Centro)	De dia, sim; vou muito de dia; não confio não; fazer o quê? tá limpa, bonita, mas estranha; nada interessante, é vazia de equipamentos	Dizem que é perigosa; fim de semana tem nada; agora fica mais deserta; prefiro <i>shopping</i> (center); arriscado; certamente é esquisita e violenta
Praça Gonçalves Dias/Largo dos Amores (Centro)	Tá doido? lá é tranquilo; bonito; namorei lá; nunca tive problema; bonita e perigosa; linda e muito deserta; arborizada, vista para o mar	Ouvi falar que é arriscada demais; muito perigosa; deserta; dá medo; só quando tem missa e evento; tem uns vagabundos; sem segurança; vagabundo desce aquela ladeira; a gente vai pro <i>shopping</i> (center); de noite lá é morte; tem a Igreja, tem movimentação de patinadores
Largo e Passeio da Laguna da Jansen (Bairros São Francisco/Ponta d'Areia/Renascença)	Muito bonita; Deus me livre; nunca; caminho sempre lá sem problema; tem polícia perto; tem natureza, mas é perigosa; já assaltaram; só caminhada, mas falam que muita gente foi assaltada.	Nem doido; dizem que é m risco; acho que é muito perigoso; tem muito bandido; e a bandidagem? Dá medo só em pensar; boca de fumo; tiraram os parquinhos, só tem do outro lado; tem assaltos; tá escura, é procurar morrer; nunca
João Lisboa/Largo do Carmo	Às vezes; quando necessário; tá feia e só cocô de pombo; não gosto, tá abandonado; saudade; muito quente; nenhum motivo para ir	Não me arrisco; Deus me livre; deserto; terrível; nem prá namorar, horror; acho que é muito perigosa; muito escuro; pouca gente mora perto; libertinagem; têm outros lugares tranquilos; aí mesmo que não, mal iluminada, deserta e violenta
Praça Benedito Leite (Centro)	Não precisa ir; esquisita; espero que façam mais coisas; movimentada	Só quando tem evento; dizem que é arriscada; deserta; perigosa; não tem gente morando, fica deserta; cedo é movimentada
Avenida Litorânea (Bairros São Marcos/Calhau)	Tem muita gente; só caminho, sem problema; tem a praia; é movimentada, boa para lazer	Gosto muito; caminho e passeio; tem parquinho; frequentada; ando desconfiada; é o melhor lugar; boa para passeio

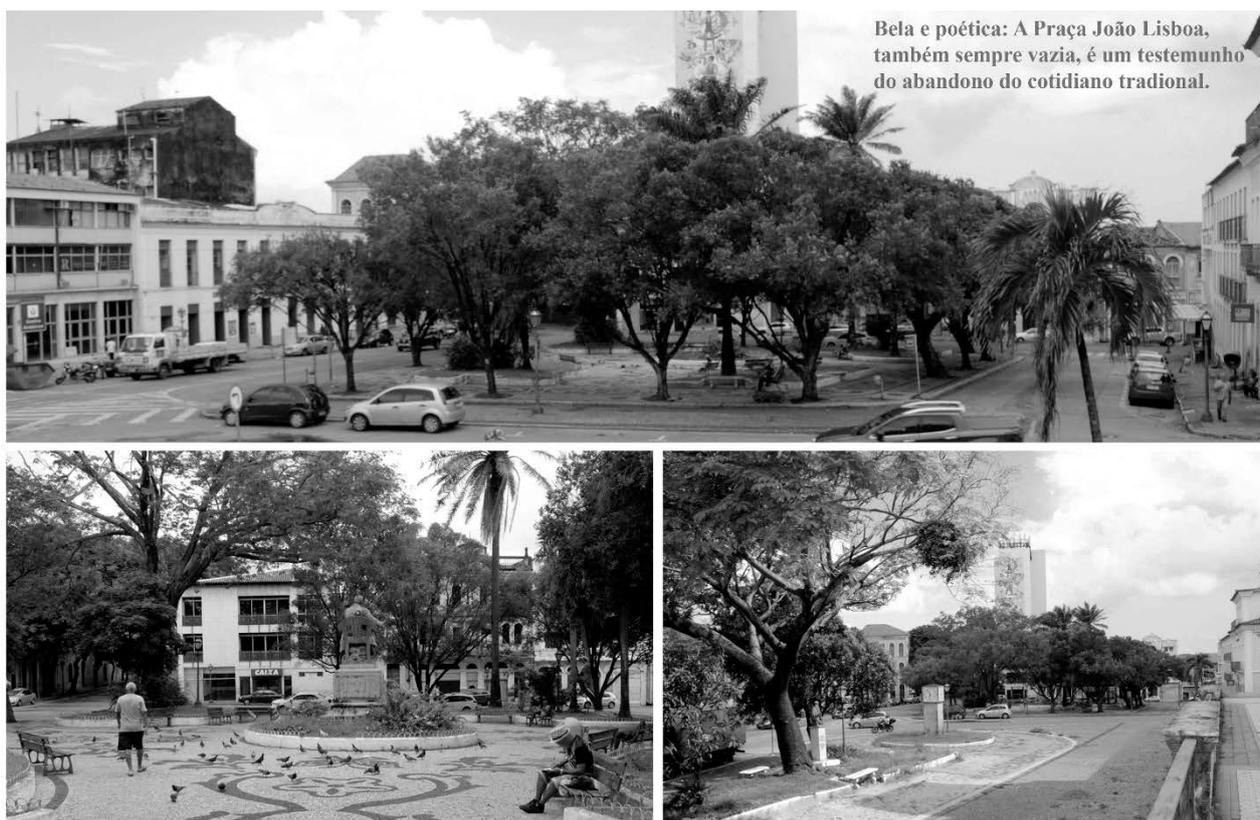
Fonte: Atualização de campo, 2019. Adaptado de Pacheco, 2013; 2018.

cruel assim, vez ou outra, a pessoa poderia sofrer o revés, presenciar ou apenas ter rápida notícia de que o mesmo aconteceu.

Pouco importa o tamanho e as circunstâncias dos traumas, porém podem trazer à memória imagens e pensamentos nefastos; pouco interessa a escala de tempo, são situações de desarranjos alostáticos que levam às reações hipersensíveis que remetem aos transtornos psicossociais. Esses, aliados às lembranças incitadoras de respostas psicossomáticas, orientam para morbidades complexas ou encorajam à busca incontida por desesperadores enclausuramentos.

Embora não seja usual nas ciências médicas – inclusive nas neurociências – cabe falar do segundo transtorno, que ganha amplitude na grande cidade e também leva ao estresse: o *pré-traumático* (TEPT). Nesse, o indivíduo não se encontra na cena do *ato molesto*, estando distante no tempo e no espaço, mas é participante de um processo de introjeção que leva a uma dor moral,

Figura 03 – O medo, o estresse e o dano: vistas monocromáticas da Praça João Lisboa (plano maior, acima; e à esquerda) e do Largo do Carmo (abaixo, à direita), à noite, assustadores. Registro em 2019.



estendendo-se ao sofrimento psicossomático; ou seja, mesmo *in absentia* – e se tiver propensão a um estado delirioso – “vive” problemas antes de acontecerem ou que jamais acontecerão, como mostra o quadro1; ou seja: “o stress é pré-traumático, em termos de que antecede o episódio supostamente capaz de produzir o trauma, que é vivenciado de modo francamente antecipatório” (PEDREIRA, 199-?). Aqui, são comuns intuições de situações reais agravantes (casos que chegam às vias de fato) ou “crimes” que chegam antecipados, gerando “esperas” e ansiedades quando se andam pelas ruas ou descansam numa praça representada negativamente – uma associação topofóbica. Tomados de fobias urbanas e delírios, os indivíduos se baseiam em conclusões falseadas, cunhadas em estereótipos relativos a uma realidade exterior inalterável mesmo diante de provas ou raciocínios em contrário. Acreditam que inevitavelmente sofrerão ataques (de um bandido, de um acidente, de uma cobrança, de injúrias de um modo geral). Com fácil acesso às muitas informações danosas, além do estresse, as

psiconeuroses e delírios crônicos (paranoias) eventualmente aparecem como formas mais agravadas de relações tensas com o curso de vida na cidade grande.

No entanto, o *estresse pré-traumático* é mais presente em pessoas oriundas de lugares menos sofríveis, visto serem tomadas por delírios de perseguição derivados de antecipações de situações de violência praticadas pelos outros nas ruas e praças inseguras (Fig.3) – mas a ansiedade gerada leva ao trauma, às vezes sem resiliência. Nessa situação, é possível incluir duas *reações*, como perturbações neuróticas conjuntas: a reação de fobia e a reação obsessivo-compulsiva¹⁴. Nessas respostas aos estímulos, o medo de sofrer o trauma é extremo, mas não tem razão real de ser, estando no plano dos pensamentos desagradáveis (estímulos e impressões) e de atos compulsivos (sensações e reações), acontecendo numa atmosfera de insistentes (topo) fobias: agorafobia, fonofobia, “taciturnofobia”, nictofobia e conseqüentemente tanatofobia, são mais comuns. Isto é, em certas mentes os locais abertos, como as ruas e praças, barulhentos ou silenciosos demais, talvez escuros, certamente teriam condições e conteriam coisas, animais e principalmente pessoas que levariam a acidentes ou à morte os seus transeuntes.

Portanto, essas desagradáveis reações ao ambiente estão associadas a mania de perseguição articulada a comportamentos xenofóbicos e topofóbicos, as “paranoias antecipadas por tensores adventícios”. Os delírios desenham-se também a partir de mal-estares já sentidos por outros, ou compartilhados entre indivíduos de um grupo específico. Os mesmos são induzidos por antecipação e retenção psicológica de cenas ruins de outros lugares, ou vindas de outros lugares, mesmo que provas contrárias existam. É axiomático que o agravamento de situações dessa natureza é danoso para o curso de vida e para as reações metabólicas de um grande número de pessoas devido as imagens desses acontecimentos ainda não vividos serem tidas como reais, fatos coerentes no seu delirante universo psíquico; imagens como um conjunto sistemático e “lógico”, sendo tarefa difícil o convencimento da irrealidade de estado da pessoa “perseguida”, visto que os supostos inimigos, que estão por todo lado, logo irão incomodá-la, agarrá-la ou matá-la. As estórias ouvidas das narrativas cotidianas e as histórias pesquisadas conspiram contra os *insights*, sendo transformadas em perigo depois de insistentemente relatadas na intimidade dos círculos de familiaridade e compadrescos. São vulgarizadas, apropriadas e incorporadas. Em circunstâncias de ansiedade mórbida e releituras urbanas delirantes, a pessoa se vê incluída como uma vítima imediata e disto constrói situações, analisa possibilidades e condições. Ademais, traça no plano de apreensão da mente os limites espaciais de circulação, pois entende que manter distância dos limites sociais demarcados como hostis

¹⁴ Leitura aprofundada sobre aspectos que levam ao entendimento psicossocial pode ser feita trabalhos especializados das neurociências, como a coleção Prática de Psicologia Moderna. O volume III, Dicionário de psicologia prática, é um consistente trabalho de Leonardo Pereira Lima. Publicado em 1970, disponibiliza uma rica abordagem de conceitos, como exemplo reações e paranoias, mas que cabe muito bem na aplicação e compreensão dos transtornos urbanos.

decerto minimizarão os aguardados atos violentos que virão contra si. Embora isso possa ser infundado, tudo leva desastrosamente ao pânico e à segregação.

6. DA VIOLÊNCIA NA PRAÇA À ARTICULAÇÃO COM OUTROS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE

Os espaços públicos não são mais seguros. Apesar dos reconhecidos esforços de governos para as suas revitalizações, as praças têm sido arremessadas para situações de mau uso e abandono ou tentam sobreviver pelo menos nas periferias sociais, visto nestas ainda prevalecerem relações de participação e um desejo por mais espaços livres¹⁵. Nos velhos centros, a cultura dos passeios e visitas, apresentações e encontros nas praças abertas está mudando: agora são espaços desertos, estranhos e não utilitários; durante a noite chegam a ser perigosos e agourentos, sendo rejeitados por maioria esmagadora de cidadãos (Quadro 01 e 2; tabelas 2a/2b).

Uma relação prazerosa entre a população e os espaços públicos foi evidente até os anos de 1980, aproximadamente. Até então, a tranquilidade e a inocência cotidianas achavam-se em todos os cantos. Sem cerimônia, os vizinhos entravam nas casas, que permaneciam abertas. Reciprocamente desfrutavam das comidas, improvisavam festinhas e colocavam em dias notícias verídicas, mas também jocosas coscuvilhices e caçadas, pois o fofoqueiro e o piadista eram atores indispensáveis nesse mundo mágico e singelo. Nas quermesses, nas brincadeiras de cantinhos, nas intimidades dos amigos em casa, as amizades cresciam, os namoros aconteciam e os casamentos chegavam entre pessoas geralmente da própria rua. Sim, porque a rua e outros espaços abertos eram extensões harmônicas das casas, viravam verdadeiras moradas coletivas. Sem brigas e com muitas amizades encorajavam-se comemorações religiosas e cívicas tradicionais, além de conquistas profissionais, mas com respeito aos direitos de todos. Praticamente, cada um que viveu essas épocas diz terem sido de memoráveis contentamentos.

Quadro 2 - Usança em praças tradicionais e assemelhados (%) - São Luís/2018/19

Logradouro (Praça e outros)	Visitação em dias úteis			Visitação noite/domingo		Relação com a violência urbana/Representações mais frequentes
	Sim, sempre	Sim, raramente	Não	Sim	Não	
Deodoro/Panteon	14,6	28,7	56,5	13,6	86,4	Trajeto trabalho-compras/ Bonita/Frequentada/Tem atividade/Perigosa
Gonçalves Dias/Largo dos Amores	08,0	14,2	77,8	4,7	95,3	Estacionamento/Perto de hospital/ Bonita/Deserta/Muito perigosa/Não tem atividade
Parque do Bom Menino	21,3	29,2	49,5	1,0	99,0	Um pouco seguro/Cercado/ Ventilado/Muito perigoso

¹⁵ As cidades orgânicas brasileiras são marcadas por desníveis socioespaciais intraurbanos: centro, periferia e, circunstancialmente, “periúrbios *continua*” (PACHECO, 2005). Sob prevalência da ilegalidade e da assimetria, os espaços das periferias sociais ainda são caracterizados por arquiteturas fora dos padrões estéticos, arruamentos estreitos e tortuosos, além da quase ausência de terrenos livres para o lazer e a sociabilidade.

João Lisboa/Largo do Carmo	10,4	28,4	61,2	1,2	98,8	Trajetos trabalho-compras/Não tem mais atividade Barulhenta/Calorenta/Muito perigosa
Benedito Leite	12,9	30,7	56,4	13,7	86,3	Tem atividades/Bonita/ Freqüentada/Perigosa
Da Alegria	1,3	13,9	84,8	0,22	99,78	Trajetos trabalho-compras/Freqüentada/Vende plantas/Muito perigosa
Odorico Mendes	1,6	2,2	96,2	3,7	96,3	Utilidade como parada de ônibus/Barulhenta/Muito perigosa
Da Bíblia	4,8	10,4	84,8	12,2	88,0	Proximidade de hospital/Barulhenta/Calorenta/Perigosa

Fonte: Atualização de campo, 2019. Adaptado de Pacheco, 2013; 2018.

Além de ruas, largos e praças, a cotidianidade desfrutava de locais fechados que também não eram arriscados. Eram os cinemas, os salões de dança e as áreas de recreação, criados preferencialmente próximos das praças e largos. Todavia, os cinemas, os espaços dançantes, as associações recreativas e assemelhados (os clubes, as agremiações, as danceterias, os centros comunitários e os parques), aos poucos se renderam aos novos e ávidos negócios. Isso aconteceu conforme novas qualificações urbanísticas processadas por conta de outros modos de consumo e assimilações culturais globalizadas, não sendo excluyente o crescimento e a fluidez da violência.

Nas primeiras décadas do século XX, os bairros de São Luís possuíam seus próprios locais de divertimento, enquanto que cinemas e teatros estavam distribuídos principalmente pelo velho Centro. Não desprezando a vizinhança de uma praça, dos anos 1930 em diante instalaram-se na velha cidade os cinemas sonoros como Roxy, Rival e Rex; Rialto e Édén; Arthur Azevedo (teatro, casualmente cinema) e Passeio, os quais não ficavam distantes de praças como João Lisboa, Bíblia, Benedito Leite, Alegria e Deodoro. No sentido do velho Caminho Grande encontravam-se os cines Viriato Corrêa e Monte Castelo, no bairro Monte Castelo, tendo praças próximas; um pouco além, no distrito Anil, os cines Anil e Rivoli. Mais tarde, o bairro São Francisco teria o Cine Alpha, mais moderno e rebatizado como cine Colossal, porém mais afastado da praça. Talvez por isto e para tristeza ou decepção dos reminiscentes do cinema novo – que se apresentava ousado, contestador e realista nos anos 1960 e 1970 – dos admiradores da multiplicidade de estilos renovadores, pós-modernistas e imaginativos dos anos 1980 e 1990 – que eram densos de ficção futurista, particularmente aqueles sob influência da indústria cinematográfica estadunidense – as salas de cinema foram rapidamente desativadas. Nos anos 1990 e 2000 esses espaços de diversão, exceto o cine Roxy (atualmente multiuso, utilizado para cinema, teatro e outras apresentações artísticas) e o próprio Arthur Azevedo (teatro) cederam lugar para outros negócios mais atraentes para os novos ares de consumo, como o comércio varejista de confecção e calçado.

A gradual desmotivação – que na maioria dos casos, levou à extinção – pelos espaços dançantes e tradicionais cinemas, conseqüentemente das praças articuladas, foi impulsionada por alguns fatores que merecem destaque (PACHECO, 2013), visto terem resultado de pressão vinda da

globalização em voga: 1) processo de deseconomia de escala¹⁶ e competição de outros negócios e lazeres alternativos melhor localizados (eventos regulares e episódicos na Avenida Litorânea, como o Marafolia¹⁷, além de novos *points* nas avenidas Holandeses, Daniel de La Touche e Guajajaras), dinâmicas que encontraram eco nos outros centros da hierarquia intraurbana de bairros; 2) advento de novos ritmos dançantes competitivos, como forró universitário, em *shows* abertos em locais alternativos; 3) o sustento dos cinemas costumeiros foi entravado pela visível má qualidade técnica dos filmes, aparelhagem de exibição e conforto, remetendo à redução de público; 4) atmosfera de crescente insegurança dos cinéfilos, dançadores e frequentadores casuais em relação aos velhos locais de exibição; 5) venda, aluguel e assemelhados dos imóveis em que funcionavam os cinemas e os clubes dançantes; 6) a falta de visão (*marketing myopia*) ou desinteresses dos proprietários ou responsáveis legais em modernizar o ambiente de acordo com as expectativas de consumo; 7) ausência de novos atrativos nos velhos ambientes de diversão; 8) competição com as fitas VHS e o advento de estruturas audiovisuais de passado próximo adaptadas para residências, como o formato de mídia removível DVD (*Digital Video Disc*). Depois a chegada do tipo DVD *dual layer* e mais recentemente do BD (*Blu Ray disc*) exibíveis em poderosos *players home theaters*, além do próprio SSD (*solid-state drive*) dos computadores e seus aliados projetores e TVs tela grande, que deram nos anos recentes confortável opção do “cinema digital em casa”; 9) combinação de luxo, conforto e tecnologia dos recentes cinemas-âncoras situados em proveitosas ambiências de *shopping centers*. Por traz de tudo isso, é desconfortável negar que as crescentes situações cotidianas se tonaram cada vez mais complexas por conta das “ingerências sociais globalizadas”, articulação irremovível do que Vesentini (2016) sugere refletir, como velocidade das mudanças, inovações radicais e os valores, as normas e os do estreitamento e das relações com os cenários de mercados globais atuais.

Por outro lado, a própria referência aos *shopping centers* (PACHECO, 2018) significa que o cinema em São Luís se mostrou como uma distração recorrente. Apesar da cidade ter passado significativo tempo sem esta opção, os cinéfilos saudosistas continuavam numerosos e garantiram a sua ressurgência. A afeição pelo cinema não deixou de fazer parte da cultura do são-luisense e, no

¹⁶ No estudo geoeconômico das encomias externas e aglomeração de negócios, existe uma *conditio sine qua non* aglomerativo ou de concentração para a localização dos indivíduos econômicos, do qual todas as empresas tiram proveito, seja por diminuição de custo, seja por facilitação de *feedback*. Por outro lado, essa concentração espacial de empresas tem uma limitação, sob pena de especulação e supervalorização da área ocupada (custo de terrenos e edificações, fisco, serviços complementares e outros), cuja procura compromete o lucro, aumentando a curva de custo. Na teoria da localização, esse processo que acontece na contramão das vantagens das forças aglomerativas, está no contexto da deseconomia de escala. Para mais entendimento, cabe ler Manzagol (1985) e Azzoni (1985).

¹⁷ Tratava-se de um evento carnavalesco “fora de época” presente na cidade são-luisense nos anos 1990 do século passado. Micareta de grandes proporções, acontecia em outubro na orla marítima e *nobre* de São Luís. Valorizador demais do Axé baiano, mostrou-se de forte participação no atropelo das tradições e ritmos dançantes tradicionais da cidade maranhense, valiosos para muitos maranhenses. Teve proibida a sua execução no ambiente praiano, devido a justiça considerá-lo estressor ambiental. Embora tenha procurado outros espaços para a sua sobrevivência, novas agendas municipais, geografias e estilos de lazer decretaram o seu sumiço, apesar das “revivais marafolias”, festas que ainda acontecem no seu antigo palco, a Avenida Litorânea.

florescer da globalização, a referida arte voltou talvez ainda mais fascinante e importante. Agora mais seguro, modernizado e em conformidade com as novas exigências e tendências do mercado, o cinema reacende longe das praças públicas, mas hospedado em versáteis centros de consumo, sendo arrimo funcional, visto tratar-se de um dos principais atrativos de *shopping centers*. O já abordado cine Passeio mudou a estrutura nos anos 1990 e tentou acompanhar a evolução do cinema, mas assim como o Cine Colossal (extinto com o “mini” *shopping* Colossal) não mais existe. Com a modernidade dos centros de consumo, encontram-se em plena atividade os cines Cinépolis (São Luís Shopping), UCI Kinoplex Ilha (Shopping da Ilha), Cine Lume (Office Tower), Kinoplex Golden (Golden Shopping Calhau), Cinesystem Rio Anil (Rio Anil Shopping) e Centerplex (Pátio Norte Shopping).

Os espaços dançantes eram articulados às praças e terreiros. Clubes, agremiações, boates e bares tinham excepcional destaque até os anos 1960 e décadas que se seguiram. Especialmente na noite, entre estabelecimentos sossegados e frenéticos, cada bairro e *status* tinha o seu cantinho de diversão. Destacaram-se Montese, Araçagi, Clube Jaguarema (preferido pela elite ludovicense), Lítero (Grêmio Lítero Recreativo Português) e Casino Maranhense como espaços da classe média. Entremeados em chiques e humildes, figuravam entre os mais comentados salões de dança, botequins e estabelecimentos gastronômicos: URBV, Pop Som, UBRA, Areão, Chama Maré, Tom Marrom, Gruta de Satã, Bigorriho, Clubes Oficiais Tenente e Sargento, Febrônio, Clube do Bento, Sonzão, Cajueiro (Som de Alexandre, hoje Espaço Aberto), Motivo pra Beber (Quilombo), Pop Som, Bambu, Associação Renascença, Peixaria Carajás, Bar Tóquio, Base do Germano. Os embalos eletrizantes das discotecas encontraram larga aceitação ainda nas *discos* e danceterias como Caixa Alta, 707, 90 Graus, Apocalypse, Zig Zag, Crocodilos, Millenium, Extravagance, Seven Night, Studio 7, Gênese, Babilônia, Associação Cohatrac, Monte Carlo, Planet Hall, Tajmahal, Flamingo, Tucano’s (Tucanus) e outras. Opções ecléticas que atraíam um público majoritariamente LGBT –que hoje contam com espaços como Observatório, Queen, Life Club, Gatos & Sapatos, dentre outros – não faltavam em São Luís, sendo inamovível a histórica Pedrita.

Tendo se tornado desordenada e até certo ponto apavorante, salta à vista que alguns espaços de sociabilidade de São Luís sobrevivem apenas na reminiscência, mas outros funcionam plenamente ou foram recentemente criados. Tratam-se de lugares improvisados ou bem estruturados e se restringem a públicos essencialmente adulto e de gosto diversificado, como casa de *shows*, churrasarias/pizzarias e choperias. Algumas têm arquiteturas que ajudam no isolamento acústico, outras são agressivamente sonorizadas, causando dessorsego à vizinhança. Esses pontos de divertimento encontram-se na laguna da Jansen e Holandeses, Centro Histórico e dispersas em bairros, como exemplos Observatório, Mandamentos Hall, Babilônia, Bombo Temático, Dunas, Crystal Night, Chama Maré, Veneto Club, Salomé Bar, La Maison, Noir, Iate Clube e Pink Elephant

(Catedral SLZ) e o conjunto de casas noturnas do Anel Viário. Há espaços alternativos abertos distintamente cuidados: a Avenida Litorânea (do bairro São Marcos ao Olho d'Água) e o Espigão (na área mais valorizada do bairro Ponta d'Areia).

Disponibilizar meios de preservar ou resgatar o sentimento coletivo é um desafio que se apresenta também ao *shopping center*, mesmo em sua frieza como grande centro de consumo, mas que tenha como meta a sua sobrevivência. Isso explica porque os cinemas, agora mais modernos, migraram para os mesmos; para lá foram também os parquinhos e as praças, apesar de chegarem ainda que vagarosamente; e também porque os *shows* começaram a dividir com os estacionamentos os ambientes disponíveis. É o resgate pelo *shopping center* de um mundo lá de fora que já foi identificado pelas relações irmanadas, onde grupos de amigos, famílias e tribos se faziam presentes não necessariamente pelo consumo, porém movidos por códigos comuns de solidariedade, cumplicidade social e de compartilhamento. Assim não é ousado dizer que o *shopping center*, com sua força de propulsão e revitalização, refaz a cidade; torna áreas que antes eram pouco visíveis e cobiçadas no ponto de vista da valorização da terra, em espaços expostos à vista, salubres e até desmedidamente desejados.

7. CONCLUSÃO

São Luís cresceu com o viés da desigualdade socioespacial, mas até a década de 1980 desfrutava-se de uma cidade serena e repleta de conteúdos socializantes, e especialmente em ambientes de coletividade abertos ou peculiarmente fechados, o povo encontrava lugares ensejadores de renovadas convivências e constituição de laços identitários. Possuía suas praças vivas, cinemas, praias tranquilas, bairros servidos de boates, bares-dançantes ou casas noturnas assemelhadas, salões de festas, centros comunitários e outros lugares de vida em comum. Contudo, o crescimento desigual deixou marcas indeléveis, como a intolerância entre *status* e a criminalidade violenta, que tem tomado proporções incontroláveis, pois, tomadas de forte tensão, as pessoas têm padecido de fobias que elegem os lugares públicos como perigosos. Logo, além das reformas e inclusão de eventos em algumas praças, observa-se que cabe ao poder público preocupar-se com políticas mais sólidas no sentido de resgatar a serenidade da cidade e devolver aos espaços públicos os seus papéis socializadores. Obviamente, é sugestiva a parceria com o capital incorporador que tem trazido modificações consideráveis à cidade, inclusive elegendo novos centros de compras e de diversão atrativos principalmente para as classes sociais altas. Se os espaços abertos perderem o sentido de existir, será irreversível a extinção das praças como aquecedores de modos de vida urbanos.

REFERÊNCIAS

- AZZONI, Carlos Roberto. **Onde produzir?** Aplicações da Teoria de Localização no Brasil. São Paulo: IPE-USP, 1985
- BIAGGIO, Angela M. B. A ansiedade do dia-a-dia. IN: O estress está dentro de você. LIPP, Marilda E. N. (Org.) 5ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- CALDEIRA, Teresa P. do Rio. **Cidade de Muros:** Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2000.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural.** Tradução: Luiz F. Pimenta e Margareth de C. A. Pimenta. Florianópolis: UFSC, 2001.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano.** São Paulo: Ática, 2004.
- DAVIS, Mike. **Planet of slums.** London; New York: Verso, 2007.
- GEERTZ, Clifford, A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.
- IBGE. **Município de São Luís: informações básicas.** IBGE: Rio de Janeiro, 1998.
- _____. **Resultados Preliminares do Censo de 2000.** Rio Janeiro: IBGE, 2001.
- JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, José. Histologia Básica. [12. ed]. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.
- LAGUIE, Joseph. **Os sistemas econômicos.** 8ª edição. Tradução: Geraldo G. de Souza. São Paulo: DIFEL, 1985.
- LARCHER, Walter. Ecofisiologia vegetal. Tradução Carlos Henrique B. A. Prado. São Carlos: RiMa, 2000.
- LIMA, Leonardo Pereira. **Dicionário de psicologia prática.** São Paulo: Honor Editorial LTDA, 1970. Vol. III.
- MANZAGOL, C. Lógica do espaço industrial. Trad. Sílvia S. Sampaio. São Paulo: DIFEL, 1985.
- MARTIN, W. Bauer; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Trad. Predinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- McEWEN, Bruce; LASLEY, Elizabeth N. O fim do estresse como nós o conhecemos. Tradução Laura Coimbra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- MEIRELLES, M. M. História do comercio do Maranhão. V. 4. São Luís: Lithograf, 1992.
- MINAYO, Maria C. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2000.

PACHECO, João Batista. **O ambiente urbano de São Luís – Ma:** relações sócio-espaciais dos agentes de construção e modelagem do bairro do São Francisco, 2002. 204 f.II. Dissertação (mestrado em saúde e ambiente) – Universidade Federal do Maranhão.

_____, **Segregação socioespacial e verticalização:** agregando conceitos à dinâmica urbana de São Luís. IN: LIMA, Roberta Maria. B. F; FERREIRA, Antônio José de A. (Org.). - Estudos de Geografia do Maranhão. São Luís: EDUFMA, 2013.

_____, Reggae e múltiplas faces do estresse socioambiental: impactos sonoros e patolocalismos no cenário capitalista da cultura. In: ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DE GEOGRAFIA DA SAÚDE, 1, 2005, Rio de Janeiro. Resumos do II Simpósio Nacional de Geografia da Saúde. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CICT, 2005. 1 CD-ROM.

_____, **Shopping center e cidade enclaustrada:** estresse urbano como determinante geratriz da expansão de mercados fechados em São Luís. São Luís: DEGEO. Produção bibliográfica, 2018.

_____. Banco geoiconográfico: imagens e entrevistas. Arquivos atualizados. São Luís, 2018.
PEIRCE, C. Semiótica. São Paulo: Perspectiva, 1995.

PEDREIRA, Antônio. **A síndrome do estresse pré-traumático.** 199-? Disponível em <http://www.antonipedreira.com>. Acesso em 14 fev.2010.

MANZAGOL, Claude. Lógica do espaço industrial. São Paulo: DIFEL, 1985.

SANTO, A. do Espírito. **Delineamentos de Metodologia Científica**, São Paulo: Loyola, 1992.

SHEVKY, E. e BELL, W. Social Area Analysis. Stanford University Press. Stanford, 1955.

SILVA, Armando. Imaginários urbanos. São Paulo: Perspectiva; Bogotá, Col: Convenio Andres Bello, 2001.

STRICKLAND, Carol. Arquitetura comentada: uma breve viagem pela história da arquitetura. Trad Fidelity Translations. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto. N. Silva *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia:** Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente, São Paulo/Rio de Janeiro, DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VESENTINI, José William. **Novas geopolíticas.** 5.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

Referências da Internet

COMOLI, Eliane. Sistema Nervoso Autônomo. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3077555/mod_resource/content/1/Sistema%20Nervoso%20Autonomo.pdf. Acesso em 30/03/2019.

CASSEL, J. **Psychosocial Processes and “Stress”**: Theoretical Formulation. International Journal of Health Services. Volume: 4: issue: 3, page (s): 471-482. Issue published: July 1, 1974. Disponível <https://doi.org/10.2190/WF7X-Y1L0-BFKH-9QU2.PDF>. Acesso em 16/08.2018